

Daisy Whitney

# Quando aqui estavas

Tradução  
Inês Castro

ASA



## CAPÍTULO UM

Quando alguém que amamos morre, existe um certo período de graça em que conseguimos escapar a um delito sem qualquer castigo. Não um delito criminal em termos literais, mas praticamente tudo o resto.

Assim, estou a sair do parque de estacionamento da escola no antepenúltimo dia do meu último ano e vou a descer Montana Avenue quando um *Mazda Miata* vermelho me corta o caminho.

Ignoro o *Miata*. Mas, passados alguns quarteirões, viro para a minha rua e reparo num *Nissan* prateado. Sem ninguém lá dentro; o carro está apenas estacionado na berma da estrada, talvez a tapar alguns centímetros da minha entrada e não tenho nada contra este carro, nem contra o dono do carro, mas estou farto que toda a gente desapareça bem como de tudo o que me extenuou nos últimos cinco anos da minha vida. Além disso, quanto a tomar decisões, a minha mãe dizia sempre: *No final da minha vida, quando recordar o passado, arrepender-me-ei de não ter feito isto?* É certo que, em geral, estava a referir-se a fazer uma viagem a Itália ou a ir buscar-me à escola para surfar numa tarde qualquer. Mesmo assim, estou absolutamente certo que *não* me vou arrepender de bater neste carro por razão nenhuma, por isso choco contra ele uma, duas,

três, quatro, cinco, seis vezes, todos os embates a propagarem-se sob a minha pele, sacudindo-me como placas de um desfibrilhador a reanimar o sistema.

Funciona durante alguns segundos. Sinto uma chispa dentro de mim, como se tivessem acendido um fósforo numa gruta obscurecida. Mas depois extingue-se e volto ao estado em que me encontrava antes.

Meto a marcha atrás e o para-choques do meu carro faz um som irritante quando raspa na estrada. Subo a rampa da minha entrada e saio do carro. Dou a volta para a parte da frente e o para-choques baloiça, a tocar no chão, e parece que o motor está a fumar um pouco, mas não me apetece lidar com o problema porque isso exige demasiada energia e o que me falta mesmo é energia. Entro em casa, atiro as chaves para cima da mesa junto à porta e afundo-me no sofá.

*Sandy Koufax*, a minha cadela, vem ter comigo e enrosca-se com a cabeça no meu joelho. Esfrego-lhe as orelhas e penso por instantes se eles me enviarão para um curso de gestão da raiva, ou algo do género, mas não existe nenhum *eles* para me mandar embora. Claro que há Kate, a melhor amiga da minha mãe, mas não o fará. Os outros *eles* desapareceram todos. A minha mãe morreu há dois meses, o meu pai morreu num acidente há seis anos e a minha irmã, Laini, está na China a tentar reencontrar as suas raízes, algo que não entendo, mas, por outro lado, não entendo uma série de coisas em relação à minha irmã, porque não temos muito em comum, muito menos genes. Ela foi adotada na China e eu sou um *rapaz branco*, como gosta de dizer quando se digna falar comigo.

Coloco os braços atrás da cabeça e penso: que mais posso fazer de que consiga escapar sem castigo? Existirá alguma lei de prazos de prescrição que estabeleça quanto tempo podemos ter um livre-trânsito depois de a nossa mãe morrer? Porque bater naquele carro foi a única coisa que me fez *sentir* alguma coisa há semanas.

Lanço uma olhadela à caixa vazia de piza sobre a mesinha do café e puxo-a para mim com o pé para ver se ainda lá poderá haver alguma fatia. Reparo que *Sandy Koufax* observa o meu pé e depois a caixa.

– *Sandy Koufax*, acabaste com a piza?

Ela não diz nada. Inclina apenas a cabeça de um preto lustroso para o lado.

– Bem, podes telefonar a pedir outra?

Pousa uma das suas patas brancas no meu peito.

O telefone toca. Estendo o braço por cima da mesinha do café, agarro no telefone e atendo. A Sra. Callahan da casa ao lado quer saber se estou bem. Não, *não estou bem*, apetece-me dizer. *Já estive aqui na minha casa? Já viu como está vazia?*

– Sim – respondo-lhe ao mesmo tempo que esquadrinho o correio.

Algumas notificações da universidade da Califórnia, a UCLA, para onde vou no outono, uma conta da secundária Terra Linda relativa ao custo da minha capa e gorro. Tenho de proferir o discurso de formatura dentro de alguns dias. Atiro com o envelope. Aterra na tijoleira branca e fria do outro lado da mesinha do café onde já não o vejo. Olhar para aquilo lembra-me o que está a faltar à minha formatura. A cerimónia da minha formatura era *a coisa* que a minha mãe mais queria ver. Era a cenoura dela, aquilo a que se agarrava. *Vou lá estar, tirarei fotografias, vou aplaudir e chorar e será o meu último hurra.*

A Sra. Callahan faz mais perguntas sobre o *acidente*, como lhe chama. Nem uma só vez diz que a culpa foi minha. Nem uma só vez indaga se bati com o meu carro noutra carro.

– Precisas de alguma coisa? – pergunta.

*Uma mãe. Um pai. Alguém. Qualquer pessoa. Consegue arranjar-me isso?*

– Não, está tudo bem.

Trinta minutos depois aparece Kate. Sei que é ela por causa das pancadas repetidas na porta, a sua marca distintiva nos últimos tempos. Quem diz que a internet está a mudar a forma como comunicamos? Não precisamos de internet. Temos um arauto aqui mesmo em Santa Monica e chama-se Sra. Callahan; deve ter contado a Kate.

Abro a porta e ela está chateada. Suponho que, para ela, os meus prazos de prescrição já se esgotaram.

– Sei que bateste naquele carro de propósito, Danny – diz num tom de voz agudo.

Deve ser agora a minha mãe substituta ou algo do género. Desempenhou esse papel algumas vezes nos últimos anos quando a minha mãe estava num dos seus tratamentos. Porém, a minha mãe não esteve muitas vezes em baixo. Era rija; esforçou-se muito por ficar bem. Não nos aguentamos durante cinco anos a não ser que queiramos viver. Queria tanto viver que foi muitas vezes ao México, à Grécia e ao Japão, procurou médicos ocidentais, depois a medicina oriental e depois qualquer coisa para tentar viver. Mas falhou por dois meses o seu objetivo. Sessenta miseráveis dias. Kate era a melhor amiga dela desde que andaram juntas na universidade. E também é a mãe da miúda com quem perdi a minha virgindade, que foi minha durante três meses perfeitos no verão passado e que abandonou a minha vida sem qualquer razão, quase sem um telefonema.

Holland.

A pessoa mais incrível e mais irritante que conheço. Não mencionamos o assunto, mas está profundamente subentendido que Kate e eu não discutimos a filha dela. Se fôssemos falar sobre Holland, eu nunca conseguiria falar com Kate sobre mais coisa nenhuma.

Encolho os ombros.

– E então?

– Porque bateste num carro de propósito, Danny?

Kate é uma pessoa minúscula. Tem talvez um metro e cinquenta, mas é um *pit bull* e os músculos dos braços dela são doentios. Faz exercício todos os dias, o que não é invulgar em Los Angeles, reconheço, mas o que é significativo é o sítio onde treina, no Animal House, que é um ginásio muito macho, muito velho e muito degradado, sem ar condicionado. Os frequentadores habituais são na sua maioria aspirantes a Arnold Schwarzenegger e tipos acabados de sair da prisão.

– Não sei.

Encaminho-me para a porta de correr de vidro e abro-a. Kate segue-me. *Sandy Koufax* também e esfrega o nariz num *Frisbee*, um disco de plástico na relva. Pego nele. Tem marcas de dentes gravadas na superfície. É roxo e diz LUTA CONTRA O CANCRO. Serviu de muito. Atiro-o para longe no jardim, para a beira da piscina. *Sandy Koufax* é como um foguete, corre atrás dele, alcança-o, salta no ar e apanha-o.

Esta cadela pode muito bem ser a perfeição em pessoa.

– Então bateste mesmo nele de propósito?

– Define *de propósito*.

– Com intenção – retorque com *secura*.

– Então, sim. É verdade.

– O que pensaria a tua mãe?

Atiro outra vez o disco de plástico roxo para *Sandy Koufax*. Ela executa outra excelente pega.

– É difícil dizer – respondo. – Mas sejamos sinceros. Nunca foi uma pessoa de carros. Sempre disse que andar era mais saudável, por isso talvez tivesse ficado contente.

Kate semicerra os olhos.

– Não tem piada.

– Mas verdade. É verdade – acrescento e Kate não responde porque sabe o que a minha mãe pensava dos carros. A minha mãe era uma das poucas pessoas em Los Angeles que ia a pé para todo

o lado. Atiro outra vez o disco de plástico. *Sandy Koufax* salta, limpando com facilidade um metro na vertical. – Fantástico! Viste aquilo, Kate? É uma cadela porreira.

Vou ter de ver se a UCLA me deixa ter um cão no dormitório. Talvez consiga uma *exceção para órfãos*.

Kate ergue as mãos.

– O que vou fazer contigo?

Não respondo. Não há resposta.

– Muito bem – diz, desistindo. A voz suaviza-se. – Dá-me só os papéis do seguro e o nome do vistoriador independente que eu trato de tudo.

Kate é assim uma espécie de feiticeira. Deem-lhe uma camisa com uma nódoa de gordura do ano passado. Consegue tirá-la. Deem-lhe um par de óculos partidos. Voltará com um novo par de graça porque convencerá a loja que tinha a obrigação de o fazer. Entrego-lhe os meus papéis do seguro e sei que, dentro de um ou dois dias, tudo estará resolvido. É o tipo de pessoa que resolve tudo e gosta de ser assim.

Já não está com o maxilar comprimido; já não tem os olhos semicerrados. Estou safo.

– Hei, Kate. Podes telefonar também para a UCLA para ver se posso levar um cão comigo no outono? Saber se eles permitem?

– Claro. Vamos levar essa cadela para dentro do campus, sem problema nenhum – diz, a expressão a suavizar-se nos olhos quando se aproxima para me depor um beijo na testa.

Deixo-a dar-me um beijo e depois atiro de novo o disco de plástico a *Sandy Koufax*, depois outra vez e depois uma vez mais e, a dada altura, Kate vai-se embora, poderá até dar-me um abraço, poderá até dizer que me ama, poderá até dizer que lamenta que a vida seja uma porcaria, mas estou absorto naqueles lançamentos.

E então percebo que estou aqui fora há horas. Porque de repente *Sandy Koufax* está exausta. Salta para a piscina e começa a chapinhar.



Levanto os olhos para o Sol. Quando baixou tanto no céu? Como são já seis da tarde quando ainda há poucos minutos eram três?

Já agora posso juntar-me à minha cadela, por isso avanço direito à piscina, de calções largos, *T-shirt* cinzenta, chinelos de dedo e tudo.

Pelo menos é alguma coisa, a sensação da água a esparrinhar à minha volta. Mergulho a cabeça, afundando-me sob aquilo tudo e depois venho ao de cima e digo a *Sandy Koufax* todas as coisas que desejava que fossem diferentes neste momento.

## CAPÍTULO DOIS

Jeremy está a disparar contra alienígenas, Ethan tenta convencer Piper que um tremor de terra de magnitude 9,0 atingirá Los Angeles nos próximos 365 dias e metade da equipa de voleibol das raparigas está a ensinar metade da equipa de basebol dos rapazes a jogar voleibol aquático na piscina. Os meus antigos companheiros de equipa estão na parte mais funda do outro lado da rede a serem arrasados pelas atletas vestidas de biquíni.

Aumento o volume do sistema de som porque Retractable Eyes vem a seguir na *playlist* e este grupo é fantástico. Mas, antes de soarem os acordes da abertura, ouço o início de «Great Balls of Fire».

No piano.

Viro-me para a sala e os alienígenas devem ter derrotado Jeremy porque ele agora está debruçado sobre o piano a pensar que é Jerry Lee Lewis.

– Não mexas nisso, meu. – Aproximo-me do teclado.

Ele interrompe-se.

– Deixa-me só tocar esta canção.

Abano a cabeça. Ele sabe que esta é a minha *única* regra.

– Não.

Toca mais algumas notas e está prestes a chegar ao refrão e a cantá-lo também, a entoá-lo bem alto, e eu não estou nada de acordo com isto a tantos níveis porque este é o piano da minha mãe. Não era uma intérprete clássica, nem professora de piano, nem nada. Mas gostava de tocar por diversão, martelando uma ária de musical de vez em quando ou um número de Cole Porter. Palavras cruzadas, jardinagem e algumas velhas canções clássicas no piano... eram as suas *pequenas coisas na vida*, as pequenas coisas que fazia, as pequenas coisas que a faziam feliz.

– Jer. Sai daí.

Alguma coisa na minha voz fá-lo parar e por isso não insiste, ergue as mãos.

– Desculpa, pá.

– Vai buscar uma das guitarras de Laini se queres tocar alguma coisa – digo, abrandando um pouco a pressão sobre o meu melhor amigo.

– Gostava que me deixasses ficar com ele. Sabes que nunca vais usar o piano.

Jeremy tem andado nesta coisa da música nos últimos três anos. Está convencido que aprender a tocar piano, guitarra, bateria, seja que instrumento for, o vai ajudar com as miúdas. Não vi qualquer prova de melhoria no seu registo de resultados com o sexo oposto, mas ele consegue tocar o refrão de quase todas as canções *top ten* mais descarregadas do momento. Talvez algum dia essa sua aptidão dê para alguma coisa. Por agora é entretenimento. E por agora, e para sempre, o piano não está à venda. Recordo-lhe o facto quando ele parte para o quarto-mausoléu de Laini.

Inspeciono o que se passa no meu jardim. Trevor, o grande homem da primeira base a quem atirei bolas fracas durante os meus primeiros três anos do secundário, lança uma bola de voleibol na direção de Cassie. Esta tenta reenviá-la com uma pancada forte, mas bate no ar e a bola salta para fora da piscina. Cassie sai para a

ir buscar. Tem um fato de banho minúsculo e é também a jogadora mais fraca da equipa. Trina aparece atrás de mim e sussurra-me ao ouvido:

– Vejo que estás a observá-la – diz ao mesmo tempo que me passa um dedo pelo braço.

O que não diz é *Vejo que estás a observá-la e não me importo*, porque, tal como eu, existem poucas coisas com que Trina se importe, muito menos se ando a mirar outras miúdas, apesar de eu não estar a mirar Cassie. Se estivesse a mirar miúdas, só teria olhos para uma.

A incrível e irritante que não está aqui, apesar de a lasanha que me fez no outro dia ainda se encontrar no meu frigorífico.

Trina faz deslizar o indicador pela palma da minha mão e acrescenta:

– Já está a fazer efeito?

– Está a começar.

Trina também me traz coisas boas, só que as dela funcionam melhor do que comida. Lança-me um sorriso cúmplice e vejo-a desaparecer na cozinha, com os seus calções de ganga de cintura descaída e um *top* sem mangas que realça a pele morena.

Jeremy volta com a guitarra clássica mais cara da minha irmã. Laini tocou até ao oitavo ano e era bastante boa, tão boa que os meus pais estavam a pensar arranjar-lhe aulas com algum professor especializado na UCLA. Mas, tal como com todas as coisas remotamente americanas, Laini decidiu que não queria ter nada a ver com aquilo. Uma guitarra, mesmo uma guitarra clássica, era o instrumento mais americano de todos, por isso deixou de tocar. Alguns anos depois, deixou-nos a nós também. Laini nunca estava em casa quando a minha mãe ficou doente. Claro que já se encontrava na faculdade, estava lá há um ano quando surgiu o diagnóstico, mas nem sequer vinha a casa no verão, nem noutras férias, a não ser talvez uma semana por ano. Afastou-se na pior altura possível

e, quanto a mim, isso é o mesmo que tratar a nossa mãe como se fosse lixo. De repente, já não quero ouvir a guitarra dela. Quero *destruí-la*. Sou como um *zombie*, um *zombie* vivo e a respirar que não se deterá e avança com um ruído surdo para Jeremy, que está a dedilhar um improviso na guitarra *Tortorici* feita à mão da minha irmã, que os meus pais encomendaram para o seu décimo segundo aniversário, e arranco-a das suas mãos mesmo antes de ele se lançar numa progressão de acordes vibrantes.

– Estava a chegar ao refrão.

– Vai buscar outra e vem ter comigo – replico, porque Laini tem mais guitarras acústicas no quarto que não é utilizado. – Alinhas ou não?

– Estás a falar de quê?

Viro a cabeça para o jardim e simulo desfazer uma guitarra.

Ele aponta para a *Tortorici*.

– Sabes que te pode render uns milhares no eBay.

Não preciso do dinheiro. A minha mãe poupou bem e investiu bem. Já nem sequer temos uma hipoteca, porque comprou esta casa a pronto quando vendeu o seu último negócio uns meses antes do diagnóstico. Mas nem toda a gente tem a *sorte* de herdar os bens dos pais com a tenra idade de dezoito anos. Ou de ter de resolver o que fazer com tudo, desde bens imobiliários a objetos pessoais. Como as roupas dela. Os livros. As perucas.

Compadeço-me.

– Fica com esta e faz dela o que quiseres. Mas vai buscar as outras.

Agradece-me, enfia a *Tortorici* debaixo do braço e corre pelas escadas acima. Uns segundos depois vem ter comigo ao jardim, tropeçando pela porta de correr aberta com uma guitarra em cada mão, um par de futuras vítimas. Seguem-no Ethan, Piper e Trina e estamos todos na beira da relva onde um muro baixo de pedra delimita o meu jardim.

Ergo uma guitarra de madeira vulgar por cima da cabeça e depois aceno para Jeremy. Ele desempenha melhor do que eu o papel de mestre de cerimónias.

– Só é o final do secundário quando alguém desfaz uma guitarra – grita, levantando os braços num sinal de vitória. – É um ditado muito famoso, sabem. O palco é teu – continua para mim.

Trato de destruir completamente a guitarra ao som dos aplausos encorajadores dos meus colegas de escola. Jeremy e Ethan participam e até Piper amolga uma acústica velha e barata nas pedras. Trina entra em ação, os olhos cor de avelã entusiasmados com a perspectiva de destruição, porque Trina foi uma criança turbulenta na escola, uma criança ainda mais turbulenta na faculdade e na universidade de medicina também e uma adulta ainda mais turbulenta agora que está mesmo a meio do internato médico.

Quando olho para a destruição, lascas de madeira por todo o lado, cordas partidas e soltas a definharem, sinto um gotejar de endorfnas, não como se tivesse apenas lançado três bolas que o batedor não conseguiu rebater, mas como se tivesse arremessado uma fantástica bola curva. É uma excitação, uma excitação momentânea e temporária, uma ascensão acima desta linha nublada em que tenho vivido.

Mas o problema é que não é o suficiente para remover tudo isto, para silenciar o mundo inteiro. Não é o suficiente para trazer de volta os sons de Cole Porter no piano, ou flores a serem plantadas, ou os pedidos de uma palavra de cinco letras começada por *A* ou *T* ou *C* ou outra letra qualquer. Nunca nada é suficiente. Exceto Holland, que está tatuada em mim, mas que não está aqui onde a quero. Afasto-me da carnificina e regresso a casa. Trina segue-me, toda ela flexível como uma pantera, a deslizar, de pés nus, pelos soalhos de madeira.

– Vamos para o teu quarto – sussurra-me ao ouvido.